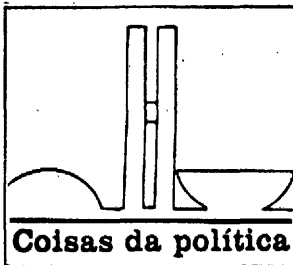


Villas-Bôas Corrêa

O Presidente José Sarney deve estar vivendo um tempo de impaciência. Seu governo entrou naquela fase fluida que separa duas etapas distintas. Um período que é mais de espera, de contar na folhinha os dias que faltam para a inauguração do que já está programado, devidamente disposto em planejamento que consome as lúcidas horas de insônia mas que não pode ser antecipado.

Sarney tem que esperar. O segundo tempo do seu governo não pode nem deve queimar etapas. Afinal, o Governo é hoje prisioneiro de prazos que estão fixados no calendário político e que necessitam ser cumpridos.

O Presidente não tem como abreviar a reforma do ministério, pendurada no prazo para a desincompatibilização que sequer foi aprovada pelo Congresso em segundo turno e por certo que precisa aguardar que as urnas do próximo dia 15 passem a limpo o mapa político do país, definindo lideranças e esquemas estaduais, indicando o peso certo das legendas partidárias.



Coisas da política

Ora, seria insensato e leviano tanger a gritos o ministério que sabe que tem os seus dias contados mas com vários ministros com o destino amarrado aos votos das capitais. E positivamente uma rematada maluquice botar o carro na frente dos bois e anunciar um novo programa antes que o país saiba o quanto valem os partidos e os seus dirigentes.

Essas noções elementares são aqui registradas apenas para caracterizar os embaraços que tolhem a ação do Presidente e justificam a sua ansiedade.

Sarney sabe melhor do que ninguém que o seu primeiro governo já deu de si tudo o que podia. E tem na cabeça o projeto para 86, com linhas e esquemas traçados. Dependendo da hora, da oportunidade para anunciar a reformulação e dar a partida para enfrentar os graves desafios que se entremostam nas transparências de tempos de eleição para o Congresso-Constituinte e o seriado de decisões fundamentais, como a elaboração da futura Carta, a fixação do seu mandato e a conseqüente convocação das próximas eleições presidenciais, a sucessão nos Estados. Hoje o Governo não tem mais certezas. Ele pousa a sua precária estabilidade num brejo de dúvidas.

Mas, o Presidente não pode apenas esperar, de braços cruzados, assistindo impassível à lenta corrosão da sua indispensável base de sustentação popular e que

pode enfraquecê-lo além dos limites da prudência para a hora decisiva de negociar o futuro.

E aí está o grande e imediato problema do Presidente José Sarney. O tempo dele cobra decisões e a sabedoria da caça de tocaia para atirar na hora exata, nem antes que espanta o bicho, nem depois, quando ele já se foi.

Ora, para encher o intervalo, o Governo necessita de um típico projeto de entressafra. Quer dizer, de catar no bolo que está sendo batido para amanhã aquelas medidas que possam ser precipitadas sem prejuízo do conjunto. Certamente que não é fácil. É mesmo muito difícil.

O Presidente não conta mais com a sua equipe que, aliás, jamais foi sua. Mas, ela dispersou-se. Uma parte está enterrada até o pescoço na campanha eleitoral, jogando as fichas do seu cacife na decisão dos prefeitos de capitais. Precisando marcar presença nas vitórias prováveis e evitar derrotas previstas pelas pesquisas. Nesta reta não dá para segurar ninguém. Outro pedaço do ministério sente que sua sorte está definida e resvalou para o desânimo inerte dos vencidos. O ministério, como obra política do Presidente Tancredo Neves, está esgotado. Dele não pinga mais uma gota de mel. Inútil espremê-lo com advertências e cobranças. O papel político, afinal, foi cumprido. E ele não era mesmo um ministério composto com grandes pretensões administrativas. Tancredo achava que sua liderança garantia a eficiência dos

tímidos. O estilo de Sarney é o trabalho de equipe solidária, politicamente engajada e ligada a um programa de metas definidas e claras.

O Presidente está, portanto, colocado diante de um repto à imaginação. Como vai se sair dessa entalada e dar a volta por cima é uma intrigante interrogação.

Até que não parece complicado hierarquizar algumas das empreitadas obrigatórias do Governo. Como a evidência de que a máquina burocrática atolou no pântano de uma ineficiência absoluta, vergada ao peso do gigantismo e do empreguismo. Os 21 anos do ciclo revolucionário desmontaram a engrenagem do Estado. Ela não se mexe, não funciona, não produz. Empacou.

Ora, promover uma ampla, profunda e séria reforma administrativa, como quem prepara e limpa o terreno para a edificação do futuro, não seria perder tempo. Mas conquistá-lo.

A opinião pública está absolutamente convencida de que com a desorganização atual do Estado é impossível executar planos com um mínimo de eficiência. A doença, como praga, alastrou-se para os governos estaduais, corrói os municípios. O Executivo está enfermo, precisa de tratamento de urgência.

O Presidente Sarney já tem o diagnóstico, conhece a moléstia. Vamos ver se vai começar logo o tratamento. É caso grave, a exigir intervenção cirúrgica de emergência.